

Variações da Estrutura da Língua e Estrutura Etnográfica

Celestina Vitória Moraes Sitya⁷

1. - Variações Lingüísticas:

A língua tem um caráter social e faculta aos membros de uma comunidade a possibilidade de comunicação. Hoje ela exerce um papel cada vez mais importante nas relações humanas, razão pela qual já envolve modernos processos de estudo.

É através da linguagem que o indivíduo define sua identidade cultural e o seu *status* social, sendo assim, o indivíduo e a sociedade se determinam mutuamente na língua e pela língua.

Os falantes de um grupo social falam habitualmente de um mesmo modo e mantêm esses comportamentos através das gerações, como se houvesse uma mesma lei ou norma que lhes indicasse a melhor maneira de comunicar-se dentro de seu grupo geográfico e social.

⁷ Mestre em Lingüística Aplicada.

No entanto, os falantes de outro grupo social também têm seu modo de comunicar-se adquirido por influência de aspectos geográficos, históricos e sociais de sua comunidade. Ocorre, então, uma variação de linguagem, ou seja, maneiras diferentes de dizer a mesma coisa e, quando estas variações se enfrentam, os sociolinguistas encontram seu objeto de estudo.

Para William Brighth a sociolinguística abordaria problemas que vão além das simples relações entre língua e sociedade, objeto da Sociologia da Linguagem, porque sua finalidade seria a comparação da estrutura lingüística com a estrutura social. Ainda segundo Willian Brighth in Dino Preti *"a tarefa da sociolinguística é mostrar a variação sistemática da estrutura lingüística e da estrutura social e, talvez, mesmo, um relacionamento causal em uma direção ou em outra. A diversidade lingüística é precisamente a matéria de que trata a sociolinguística, cujo campo procura limitar, identificando suas dimensões, ou seja, as diversas linhas de interesse no campo. Estas dimensões se encontrariam condicionadas aos vários fatores definidos socialmente com os quais a diversidade lingüística se encontra correlacionada"*.

As dimensões a que Brighth alude são três:

1^a) A DO EMISSOR - a identidade social do emissor - diferenças de fala se correlacionam com a estratificação social;

2^a) A DO RECEPTOR - identidade social do receptor - relevante onde quer que vocabulários especiais de respeito sejam usados em se falando com superiores;

3^a) A DA SITUAÇÃO E DO CONTEXTO - engloba todos os elementos relevantes possíveis no contexto de comunicação, com exceção da identidade dos indivíduos envolvidos.

Dino Preti, comentando "as três dimensões de Brighth", diz: *"é um processo de estratificação da língua, cuja estrutura e*

léxico funcionariam como elementos representativos da variação social. Segundo a posição do falante e do ouvinte na comunidade, segundo o tipo de relação que os ouve, a mensagem apresentaria variações de escolha".

A estas variações extralingüísticas que se manifestam na fala há de se acrescentar os seguintes aspectos que interferem potencialmente nas variações da linguagem:

a) enunciação:

Atos da fala
(inseridos na dêixis)



Locucional Proferimento de uma
sentença com determinado significado



Ilocucional

É o enunciado na dêixis visando a levar
o interlocutor e a uma mudança de
comportamento



Perlocucional

É o efeito conseqüente do ato ilocucional
produzido no interlocutor

b) Condições de Produção - Avaliação do contexto geográfico-histórico-social dos interlocutores é um procedimento indispensável

para apontar as diferenças lingüísticas, pois apresenta forte influência na variação da linguagem.

c) Histórico-social - Aí entram as variações de idade - sexo - profissão - nível de estudo - classe social.

d) Geográfico - São as variações lingüísticas regionais que interferem na forma de registro da língua.

e) Formação Discursiva - As características ideológicas em que se insere um discurso interferem no ato da fala.

Cada falante atua de acordo com certos comportamentos lingüísticos constantes em sua comunidade e eleitos como ideais para comunicar-se. É a formação discursiva que determina o emprego e a significação das palavras. Para que seja apreendido o significado de certas proposições ou palavras, é necessário analisar o processo sócio-histórico no qual essas proposições se inscrevem. A articulação, o modo de organização textual, a consideração do espaço do sujeito, o momento da enunciação e a história do interlocutor, são fatores pragmáticos que exercem uma forte influência na variação da linguagem pelos falantes. E de relevância incontestável a observação destes aspectos ao proceder à análise das variações lingüísticas, objeto desta pesquisa.

Estes fatores pragmáticos da enunciação - atos da fala - possuem alto teor de influência no ato da comunicação pelos falantes membros de uma certa comunidade, acarretando relevantes variações lingüísticas. Vale então dizer que a escolha da língua é determinada pela freqüência de seu uso em determinada situação, pelo grau de bilingüismo ou pelo monolingüismo dos interlocutores habituais.

Conforme alude Vermees e Boutet (1989):

"Uma comunidade lingüística define-se como tal se seus membros têm em comum ao menos uma variedade de língua e também normas de uso correto, uma comunicação intensiva entre eles, repertórios verbais ligados a papéis e unificados por

normas, enfim uma integração simbólica no interlocutor do grupo ou do sub-grupo de referência".

Surgiam então, as primeiras pesquisas que eram realizadas através de questionários escritos apoiando-se essencialmente em dados demográficos, idade, tipo de casamento, índice de natalidade, divisão geográfica sócio-profissional. As comparações efetuadas entre os dados estáticos de diferentes décadas, bem como as respostas dadas pelas várias gerações, permitiam uma aproximação quanto à manutenção ou declínio dessas línguas.

2. - Código Lingüístico e Estrutura Social da Língua

2.1 - *Diferenças Culturais:*

A linguagem do indivíduo o identifica, define seu *status* e sua identidade cultural. A linguagem é o melhor veículo de interação entre as pessoas. E através dela que o indivíduo manifesta seus desejos, seus anseios e suas interações. E é nestas manifestação que o indivíduo utiliza-se de códigos lingüísticos. Desta forma, a língua passa a ser um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. Entendida como manifestação de vida em sociedade a linguagem identifica o indivíduo com determinada região, cultura social, raça, idade, sexo.

Destarte, nem sempre é possível dizer-se com precisão os padrões de linguagem individuais, o que não invalida a pesquisa sócio-lingüística, que, por sua vez, pode ser realizada com êxito em seus reais objetivos.

Para Charles Bally, discípulo de Saussure: *"O meio compreenderia os estados, isto é, as condições de vida preexistentes no indivíduo, ou seja, a classe social a que ele pertence, sua cultura, a educação que recebeu, as tradições a que se liga, as idéias religiosas, o princípios morais, as formas habituais de atividade e pensamentos, isto é, os ofícios e profissões, e outras formas de atividades, como por exemplo, os jogos, os esportes, as ocupações científicas, literárias e*

artísticas e, até mesmo, a simples ociosidade que, freqüentemente, propicia a aproximação dos indivíduos."

O meio social, é, assim, um fator importante e de influência primária para o surgimento de um ou outro código.

O sociolinguista Berstein nos apresenta a existência de dois códigos lingüísticos: o elaborado e o restrito. Conforme o contexto social a que pertencem os usuários do código lingüístico, será adotado um ou outro, e desta forma podem se definir identidades sociais diferentes.

Uma criança que fica exclusivamente ligada ao código restrito e dispõe apenas deste código, confirmará o emprego do código restrito. Cabe à escola proporcionar meios de socialização tais, que permitam um desenvolvimento do aluno no sentido de que não fique limitado a uma determinada camada social. Pois da mesma forma, uma criança que dispõe de código elaborado como meio de comunicação, apresenta na escola um bom desenvolvimento social e lingüístico, assim também a criança provinda de camadas sociais desfavorecidas deve gozar das mesmas oportunidades.

A classe social torna-se um índice muito importante para localizar geneticamente um código. Se o falante pertencer à classe social A, confirmará o emprego do código elaborado e, se pertencer a classe social B, confirmará o emprego do código restrito.

Esta ocorrência de um ou outro código lingüístico, denominada variante lingüística, deve-se ao *status* do falante. E é exatamente o que dá origem aos dois códigos lingüísticos apreçados por Berstein "in Marchuschi = código restrito e código elaborado".

Um código restrito é particular em relação ao seu significado e estrutura social. O modelo lingüístico para este código é universal, porque seu uso pode surgir em uma relação social que se estabelece em qualquer ponto da estrutura social.

2.2 - Características Lingüísticas do Código restrito sob aspectos sintáticos, lexicais e semânticos.

2.2.1 - *As características lingüísticas do código restrito, ou da linguagem pública, segundo Bernstein.*

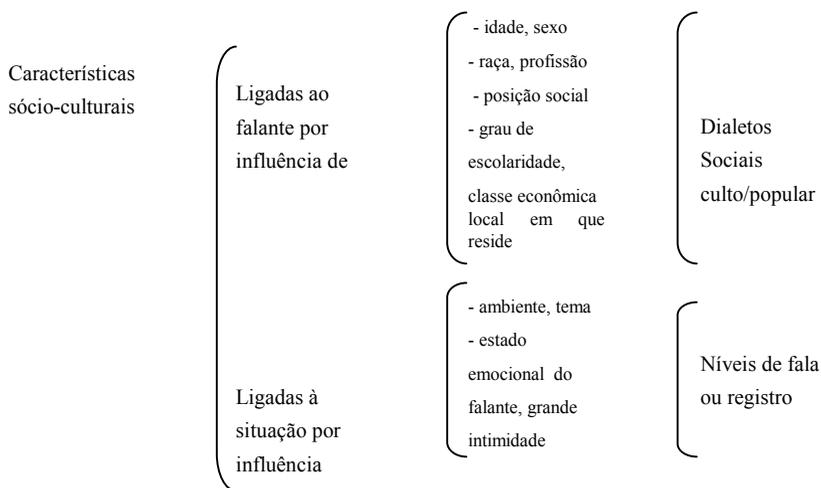
- emprego de frases curtas;
- uso de conjunções simples e repetidas: então, e, porque;
- uso freqüente de ordens e perguntas;
- uso limitado de adjetivos e advérbios;
- expressões como: - Já pensou?
 - . Imagine só?
 - . Não é verdade?
 - . Não é mesmo?

2.2.2 - *Características lingüísticas do código elaborado sob aspectos sintáticos, semânticos e lexicais:*

- uso freqüente de pronomes impessoais: um, ele;
- acurada organização gramatical;
- pouco uso das conjunções: e, porque, então;
- freqüência de preposições que incluam relações lógicas;
- seleção de adjetivos e advérbios;
- organização de idéias em uma hierarquia conceitual;
- maior emprego de orações subordinadas e coordenadas;
- maiores e mais pausas ao falar;
- maior riqueza na construção sintática.

2.2.3 - *Características extra-lingüísticas dos dois códigos*

A variação lingüística ocorre devido a vários fatores externos à linguagem. Neste esquema destacam-se os mais evidentes:



O ambiente em que o falante vive é condição fundamental para a aquisição de novos e progressivos hábitos lingüísticos.

Há, também, variação lingüística ligada a fatores etnológicos. A profissão é igualmente decisiva na linguagem técnica, profissional em que os falantes utilizam um vocabulário condizente com sua atividade.

O *status* do falante exige um cuidado todo especial com a linguagem. Por exemplo, um político, um chefe de estado, um professor, um executivo, toma cuidado com sua linguagem com a finalidade de ser distinguido dentro do grupo em que atua.

A escolaridade do falante é fator fundamental para a eficácia da comunicação, assim como os códigos lingüísticos dos quais lança mão, conforme a necessidade e o contexto. Há de se destacar que somente a escolarização permitirá ao falante dominar as formas, ausentes na linguagem popular.

2.3 Mudanças de código lingüístico

A mudança de código lingüístico, do restrito para o elaborado, é possível hoje mais ainda nas sociedades desenvolvidas do mundo ocidental.

Essa mudança implica outras mudanças, que não as lexicais e sintáticas, para culturas desenvolvidas, acarretando trocas de significação responsáveis pelo estabelecimento dos valores e dos papéis sociais.

Desta forma, percebe-se que a mudança de código envolve a situação do indivíduo em seu quadro social, bem como a sua própria identidade social. Isto representa que envolve os aspectos social, escolar e lingüístico.

2.4 Código Lingüístico e desempenho escolar

Os problemas de evasão escolar e reprovação estão imbricados intimamente com os códigos lingüísticos e o meio social de onde o aluno surge.

Segundo Bernstein *in* Marcuschi:

"Onde as crianças estiveram reduzidas a um código restrito - principalmente por causa da subcultura e dos sistemas de papéis vigentes na família, comunidade e profissão, podemos esperar um grave problema de escolarização, cuja origem não reside tanto no código genético mas muito mais no código de comunicação culturalmente determinado".

Uma criança reduzida ao código restrito, ao entrar na escola se obriga a mudar os seus sistemas de símbolos e valores sociais. Quando esta carga se torna muito forte, cria-se um abismo entre a escola o lar, e a criança desiste da escola.

Para resolver o problema das crianças com estas dificuldades, instaurou-se um ensino compensatório a fim de superar as barreiras lingüísticas. Porém este ensino compensatório está em desvantagem ao sistema vigente, conforme alude Bersntein "*busca-se impor aos pais e crianças aos quais se presume, falte algo, um novo sistema de valores e símbolos (o da escola), sem a preocupação inversa de adequar a escola à realidade social*". Portanto, acha-se inadequado este ensino compensatório, pois, em primeiro lugar, seria necessário mudar as

estruturas de instituição e não mudar a estrutura das pessoas subjugando-as às instituições.

A teoria dos códigos lingüísticos aponta contribuições enormes para elevar o nível de produtividade escolar do aluno que se acha em desvantagem devido a sua condição social.

Peter Hawkins sociolingüista da Universidade de Londres, em pesquisa realizada nesta Universidade, comprova que as crianças da classe operária têm em seu vocabulário passivo grande parte do mesmo vocabulário que a criança da classe média tem. Assim, quando a criança da classe "operária" tem necessidade de verbalizar um contexto acha-se em grande desvantagem com relação à classe média.

Há de se constatar, com estudos desta natureza, que as variantes lingüísticas acham-se relacionadas com a situação contextual. Assim, um falante do código elaborado apresenta um sistema de comunicação universal e seu entendimento depende do contexto. Enquanto que a variante lingüística do código restrito fornece um sistema de comunicação tão particular e dependente do contexto, que só será entendido, se houver o conhecimento deste. Eis aí a evidência da dependência do código ao contexto.

3. - O Bilingüismo

Abordar o assunto linguagem é forçosamente estabelecer parâmetros entre a sociedade e a fala, uma vez que a última é decorrente da estrutura da primeira.

Embora o avanço tecnológico e a massificação dos meios de comunicação visem a homogeneizar a linguagem (variante oficial) têm-se enormes contrastes. Há situações lingüísticas em que duas ou mais línguas coexistem dentro dos limites de uma mesma sociedade. É interessante verificar como ocorre essa diversidade da língua em determinados grupos sociais -diversidade de níveis: de dialetos e registros, com a observância de fatores, como a descendência social dos interlocutores (emissor e receptor) e o contexto social do ato da fala.

Os estudos sobre o falar bilíngüe alojam-se nas convenções bilíngües onde ocorrem as trocas de línguas. Se toma aí o locutor monolíngüe como referência e o bilíngüe é considerado errado com relação àquele, quando não emite enunciados de acordo com a norma lingüística de uma determinada comunidade. A exemplo disso, se um locutor falante da Língua Portuguesa descendente de italianos pronunciar as palavras /car-ro-ça/; /ar-ro-ba/; /ter-ra/, com a vibrante simples ou seja com a pronúncia da consoante vibrante do "r" fraca /ca-ro-ça/, /a-ro-ba/; /te-ra/ em vez de vibração forte, esse comportamento fonético pode provocar risos no meio de interlocutores de outra comunidade lingüística. Da mesma forma, se observarmos a escrita de um bilíngüe alemão, perceberemos a troca das consoantes dento alveolares ex. "t/d". Nos ditongos nasais ocorre troca ao/on -joão [zo'on], cristão [kris'ton] Num locutor bilíngüe italiano ocorre a interferência também nas palavras com as fricativas /S/ e o /Z/ como fricativas sibilantes ex: caxias [Ka'sias]. Essas diglosias grafônicas ocorrem com os locutores bilíngües de descendência italiana e locutores bilíngües de descendência alemã. São estas ocorrências que os lingüistas observam quando medem a dominância que o locutor bilíngüe tem, de uma língua sobre a outra. A zona interlectal é considerada pejorativamente como prova de incapacidade que o locutor bilíngüe tem de dominar as duas línguas. Se for possível demonstrar que essa zona é devidamente estruturada e regida por normas sintáticas e funcionais, então o sujeito bilíngüe perde a sua passividade e passa a ter um lugar criativo em relação à língua.

A respeito disso Vermes e Boutet afirmam:

"Se considerarmos o fenômeno da alternância de códigos "code switching" quer dizer o fato de uma mesma pessoa bilíngüe passar de uma língua para outra, começamos a perceber que tais mudanças de língua, antes consideradas simples misturas, não aparecem de maneira aleatória ou para responder a uma momentânea facilidade de um locutor preguiçoso, atrapalhado ou incompetente. Antes de mais nada deixamos de considerar isso como um fenômeno individual para encará-lo como coletivo."

E desta forma, considerando que os falantes bilíngües usam as duas línguas num sistema integrado e que, em algumas situações, usam uma língua e não a outra, é necessário identificar sob quais condições acontece esta opção por uma ou outra língua. Há de se considerar os fatores sociais como variantes que influenciam neste comportamento.

3.1 - Aspectos da Imigração Alemã e Italiana e o Processo de Aculturação

3.1.1 - A Imigração Alemã.

O início da colonização alemã no Rio grande do Sul deu-se por volta de 1824.

Ao povoar o Rio Grande do Sul, os imigrantes alemães encontraram regiões próprias para a pecuária nas terras da Campanha e nos Campos de Cima da Serra e ali estabeleceram-se. Surgiu, então, a idéia da Corte Imperial da colonização sistemática dessas terras, do que resultou a fundação da colônia de São Leopoldo.

3.1.2- A Imigração Italiana

Em 1875 iniciou a colonização italiana no Rio Grande do Sul com a maioria de seus imigrantes provenientes do norte da Itália e a predominância do elemento vêneto.

Mesmo passados já mais de cem anos desde a chegada dos primeiros imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul, conservaram-se aspectos etnográficos e lingüísticos nos descendentes destes imigrantes. Netos e bisnetos ainda mantêm marcas conservadoras nos usos, costumes e tradições e no próprio dialeto vêneto, conforme classifica Bunse, 1978. O falar da região é como uma "koiné" dialetal, com elementos de todos os dialetos setentrionais e italianos, predominando o vêneto e que o próprio dialeto vêneto não representa uma unidade lingüística, mas sim um grupo de dialetos afins chamando de "falares vênetos".

Os colonos de origem italiana, em sua maioria bilíngües, servem-se ainda do dialeto em tudo que não seja contato formal: em casa, no trabalho e nas relações de cordialidade. E é através de seu dialeto que um grupo humano expande, em seus trabalhos, as alegrias e suas preocupações materiais e espirituais.

3.1.3 - Processo de aculturação

Os imigrantes da língua alemã e os de língua italiana sofreram o processo de aculturação.

Quanto aos bens materiais, sofreram interferência sobre o sistema ecológico e o meio biogeográfico. Encontravam-se isolados e limitados em seus trabalhos, por isso tiveram que adotar novos meios de cultivo e novas formas de trabalho. E no que se refere aos conceitos e valores, e as idéias que os imigrantes tinham sobre os significados das coisas tiveram que ser modificadas. As concepções herdadas também sofreram mudanças e aos poucos essas novas concepções foram passadas para seus descendentes.

Os imigrantes, tanto alemães como italianos, tiveram, portanto, profundas modificações quanto aos seus costumes, tradições e valores. As estruturas herdadas foram aos poucos transformando-se e assentando-se, gradativamente, sobre novas concepções culturais e materiais.

Porém, ainda que passados mais de cem anos da colonização aqui no Rio Grande do Sul, os imigrantes ainda conservam o dialeto como herança cultural.

Conforme explica Bunse, 1978: *"Um fator de primordial importância para a conservação do dialeto foi que ele fez parte da herança cultural dos imigrantes, sendo elemento indispensável para a transmissão de valores e moldes culturais, os quais, na situação inicial, contribuíram até para a sobrevivência física dos imigrantes. E assim, como muitos aspectos referentes à cultura material foram necessariamente conservados, dialeto, como instrumento de intercomunicação, era de importância fundamental"*.

Essa conservação dos dialetos não poderia deixar de causar seus efeitos. As pessoas tornaram-se, então, bilíngües. Hoje as duas línguas Italiana/Alemã, com uso alternativo do Português, figuram independentemente no código lingüístico dos imigrantes, que usam dois códigos lingüísticos. Ora, este uso alternativo das duas línguas é que causa as interferências lingüísticas na fonética, na sintaxe e no léxico. É o que acontece com o uso de palavras portuguesas em comunicações realizadas em dialeto italiano ou alemão.

3.2 - O Bilingüismo e o desempenho escolar

Há de se destacar que os imigrantes perguntavam-se com freqüência o que convém para seus filhos: falar-lhes na língua materna, a dos pais, dos avós, da família do seu país (é a que eles dominam melhor e a que concretiza sua identidade cultural). Ou, por outro lado, falar-lhes na língua do país de residência e da escola, visando a um melhor êxito escolar.

Cabe aos professores uma orientação explícita às famílias dos imigrantes, pois às vezes a soleira da porta da casa, acaba sendo uma fronteira lingüística e cultural em que se mudam a língua e os hábitos culinários. Ocorre aí uma flutuação das normas de referência e a utilização de uma língua materna desordenada.

Preconiza-se um bilingüismo estabelecido, de modo que a cada língua se associe claramente uma situação e uma pessoa. Vários estudos em diferentes países mostram que, quanto mais a língua materna for valorizada e conservada "pura" em casa, mais se aceita a língua do país receptor e o sucesso na escola é garantido. Para tal, deve-se observar que a conservação da língua não deve ser dissociada de outros comportamentos relacionados à identidade cultural, sob o risco de ocorrer uma flutuação das normas lingüísticas. Por exemplo, uma Língua Portuguesa aproximada de uma língua materna desordenada pelos pais, criaria nas crianças modelos instáveis e contraditórios, causando grandes confusões.

A criança aos três anos já distingue em que situações e com quem ela deve falar uma ou outra língua. A competência comunicativa manifesta-se através de uma resposta que está lingüisticamente adequada a uma determinada situação e determinados interlocutores. São os dêiticos que determinam uma resposta lingüística adequada, ou seja, é a dêixis - situação comunicativa - que determina à criança a escolha de uma ou outra língua. Portanto, desde cedo as crianças demonstram uma grande habilidade na opção de uma ou outra língua.

Há uma constatação bastante clara e muito comum que os filhos de imigrante geralmente encontram dificuldades na escola. Este insucesso está corroborado pela constatação dos professores. Esta evidência já é antiga e se liga a uma polêmica, a da nocividade do bilingüismo, tanto no plano lingüístico como no plano cognitivo.

Esta nocividade do bilingüismo é passível de discussão, já que se torna mais cômodo para os professores atribuir às crianças ou a sua língua as causas do seu próprio fracasso do que reavaliar a maneira pela qual a escola trata as crianças que provêm de comunidades bilíngues. E esta é a observação que o canadense sociolingüista Cummins faz, quando menciona os resultados obtidos na experimentação de programas de ensino bilingüe em Manitoba (francês-ínglês). O canadense sugere o ensino das línguas de origem aos filhos de imigrantes. Estes cursos apresentariam vantagens lingüísticas - seriam um melhor conhecimento da língua materna - têm efeitos positivos sobre o aprendizado da Língua Portuguesa e desenvolvem as atividades e possibilidades globais de expressão da criança.

Considerações Finais

Ao traçar alguns tópicos finais a respeito da Variação Lingüística e a Estrutura Etnográfica, percebe-se a necessidade que há em se fazer estudos e pesquisas que irão determinar as interferências lingüísticas em locutores bilíngües, descendentes de imigrantes

alemães e italianos e apontar as causas dessas interferências para, por fim, propor soluções.

Há de se destacar que estudos desta natureza são escassos, enquanto que os problemas lingüísticos advindos do bilingüismo e das diferentes culturas encontrados em nossos alunos de 1º, 2º e 3º graus são fartos. Pois, pelos poucos estudos que se realizaram nesta área, pode-se constatar que nossos alunos, em sua maioria, descendentes de imigrantes, apresentam sérias interferências lingüísticas, como dificuldades fonéticas e gráficas. São exemplos disso a pronúncia das consoantes /r/, do /t/, do /f/; dos fonemas /S/ e o /Z/ como fricativos sibilantes (caxias [Ka'sias], choveu [so' veu]), os ditongos nasais ão /aw/ e ãe /ay/ se realizando como on ou ay: João [zo 'on], mãe [may] desnasalizado.

Também ocorrem as pronúncias das palavras /ca-ro-ça/, /a-ro-ba/, /te-ra/, com a vibrante /r/ simples, ou seja, a pronúncia do /r/ fraco em vez de vibrante múltipla. E ainda na grafia a troca das consoantes /v/ pelo /f/, /z/ pelo /j/ e /d/ pelo /t/.

Por outro lado, estudos referentes aos códigos lingüísticos também não são fartos, demonstram a interferência do código lingüístico no desempenho escolar. E isto ocorre de tal forma, que o aluno proveniente de classe média, com adoção do código elaborado, não terá maiores problemas para assimilar os sistemas de significação transmitidos na escola, enquanto que a criança proveniente da classe operária, falante do código restrito, sofrerá grandes problemas e terá que mudar seu sistema de compromisso e apreensão da realidade, a fim de poder transpô-los aos novos símbolos.

Com isso, destaca-se a importância de direcionar os estudos lingüísticos, mais precisamente sociolingüísticos, para o bilingüismo e a interferência lingüística em descendentes de imigrantes no desempenho escolar e no sucesso profissional. Da mesma forma, há de se considerar a direção de estudos para as diferenças culturais e a interferência na adoção do código lingüístico, como fatores fundamentais para o desempenho do indivíduo na sociedade em que atua.

Referências Bibliográficas

- BUNSE, Heinrich A. W. *O Vinhateiro*. Porto Alegre, Ed. Instituto Estadual do livro, 1978, p 50.
- CERVONI, Jean. *A Enunciação*. São Paulo, Editora Ática, 1989.
- CONFORTIN, Helena. *A Faina Lingüística*. Porto Alegre/URI - Erechim, 1998.
- DUCROT, Oswald. *Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação*. *In: O Dizer e o Dito*. Campinas, Pontes, 1987.
- MARCUSCHI, Luiz. *Linguagem e Classes Sociais*. São Paulo, Editora Nacional, 1987.
- _____. *Análise da Conversação*. São Paulo, Ed. Ática, 1986.
- VERMES, G. e BOUTET, J. *Multilingüismo*. Editora da Unicamp, São Paulo, 1989.
- PRETI, Dino. *A Gíria e Outros Temas*. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.
- _____. *Sociolingüística. Os Níveis de Fala*. São Paulo, Ed. Nacional, 1987.
- SITYA, Celestina Vitória Moraes. *A Lingüística Textual e a Análise do Discurso*. Ed. URI, 1995.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo, Editora Ática, 1990.